

Histórias de Alice e Beatriz  
e da  
Prima Sofia que Tudo  
Sabia  
do  
Avô Luís



# Sofia Já Sabe Matemática



*Coelhinho*

Alice e Beatriz eram irmãs e tinham uma prima chamada Sofia.

Sofia tinha um cão que fazia ão-ão e dormia no chão.

Também tinha um coelhinho que dormia no ninho

A prima Sofia dizia que sabia fazer contas, mas Alice não acreditava.

Um dia Beatriz trouxe três pêras da quinta do Senhor Pereira, que tinha uma pereira com três pêras. E Alice trouxe cinco maçãs da horta da tia Carlota.

A prima Sofia fez dois montinhos: um com as três pêras e outro com as cinco maçãs.

Então Alice perguntou à prima

Sofia:—”Quantas peças de fruta tens nos dois montinhos?”

A prima Sofia, que tudo sabia, disse logo—”Tenho oito peças de fruta.”

Mas o coelhinho estava no seu ninho a espreitar e, sem a Sofia ver, comeu uma maçã. E quando a Alice olhou para ver se a prima Sofia tinha respondido bem, contou só sete peças de fruta. Então disse:

— ”Vês que não sabes fazer contas! Só lá estão sete peças de fruta!”

Mas a prima Sofia, que tudo sabia, disse logo:

— ”Não, não! prima Alice, três pêras mais cinco maçãs são oito peças de fruta!”

— ”Mas só lá estão sete! Não sabes fazer contas!”— disse Alice.

— ”Três pêras mais cinco maçãs são oito peças de fruta”—disse Sofia que tudo sabia—”sei muito bem: três mais cinco são oito”!

— ”Então conta lá!— disse Alice.

Sofia olhou e viu que nos dois montinhos só estavam as três pêras e quatro maçãs, em vez de cinco. Então disse:—”Foi o coelhinho que comeu uma maçã e eu não vi”!

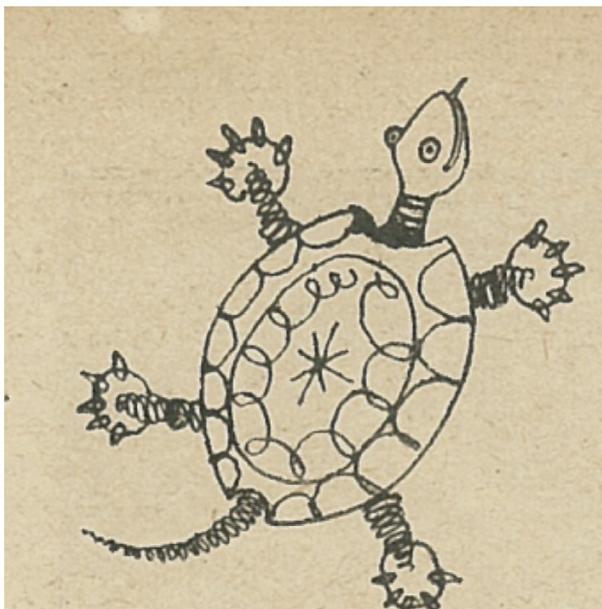
— ”Então sempre sabes fazer contas”—disse

Alice

— ”Pois sei muito bem que oito menos uma são sete”—disse a Sofia que tudo sabia.



# História do Cágado



*Almada Negreiros, O Cágado*

— ”A história que vou contar é de um senhor chamado Almada Negreiros. Ele fez lindos desenhos e pinturas, e escreveu histórias muito engraçadas” — disse Alice à prima Sofia.

— ”Então conta lá.” — Disse Sofia.

— ”Era uma vez” — começou Alice — ”um senhor muito teimoso, que, quando ia a passar por um campo, viu um cágado.”

— ”E depois?” Perguntou Sofia.

— ”Como nunca tinha visto um cágado, ficou muito admirado e quis ir contar aos amigos. Mas quando já ia a caminho, resolveu voltar para trás e ir buscar o

cágado para mostrar. Quando chegou ao sítio onde tinha visto o cágado, ele já se tinha metido no buraco onde vivia. Como queria apanhar o cágado, meteu a mão no buraco a ver se o encontrava. Mas não o encontrou! Meteu o braço todo, e nada. Não encontrou o cágado. Então, foi buscar um pau muito comprido e meteu-o pelo buraco abaixo para fazer sair o cágado. Mas o pau não chegava ao fundo do buraco. Como era muito teimoso, não queria voltar para casa sem levar o cágado para mostrar à família e aos amigos. Foi então buscar uma pá, que tinha visto na estrada, e começou a tirar

terra para fazer o buraco maior e poder ir buscar o cágado. Já tinha tirado noventa e sete pazadas e estava cheio de fome, pois ainda não tinha almoçado. Mas como era muito teimoso e queria encontrar o cágado, continuou a cavar com a pá. Cavou, cavou, e nada! Não encontrava o cágado. Já tinha um buraco tão fundo, tão fundo, que já não via a saída. Mas como era muito teimoso continuou, continuou, e continuou. . .

Chegou a noite e continuou a tirar terra do buraco. Já estava a cavar há vários dias e não encontrava o cágado. O buraco já tinha quilómetros de profundidade. . .”

— ”E nunca mais encontrava o cágado?”

Perguntou Sofia já cansada de ouvir falar do senhor teimoso, que queria apanhar o cágado que se tinha metido no seu buraco.

— ”O tal senhor não queria voltar para casa sem levar o cágado para mostrar à família e aos amigos.” — Continuou Alice. — ”Já estava tão cansado e cheio de fome que pensou em voltar para trás. Mas, como era muito teimoso e já tinha tirado tanta terra do buraco, e o buraco já era tão fundo, não quis desistir. Cavou! Tirava terra e nunca parava. Já estava sem força, quando viu uma luz lá no fundo. Cavou ainda mais

depressa e com mais força para chegar ao fundo do buraco onde tinha visto a luz. Era a luz do sol! Quando chegou ao fim do buraco viu tudo ao contrário. As pessoas andavam com a cabeça para baixo e as pernas para cima. Descobriu que tinha chegado a um país muito estranho, onde tudo estava de pernas para o ar.”

— ”Então o tal senhor muito teimoso ficou a saber que a Terra era redonda, e que tinha feito um buraco pelo meio da Terra e tinha chegado ao outro lado.” — Disse Sofia que tudo sabia. — ”E o que é que ele fez?” — Perguntou.

— ”Resolveu voltar para casa, mesmo sem ter apanhado o cágado.” — Continuou Alice. — ”Subiu pelo buraco acima, e depois de muito subir, chegou ao sítio onde tinha começado a fazer o buraco.”

— ”E estava lá o cágado à espera dele!?” — Perguntou Sofia, a tentar adivinhar.

— ”Não! Estava um monte com a terra que o senhor muito teimoso tinha tirado do buraco. E era um monte tão grande, tão grande, que tapava as casas e as árvores e tudo o que havia ali antes.” — Disse Alice.

— ”E depois?” — Perguntou Sofia.

— ”Começou a pôr a terra outra vez no

buraco, pazada a pazada! O buraco já estava quase cheio outra vez e quando chegou à última pazada, . . .sabes o que viu?” — Perguntou Alice.

— ”Já sei! Era o cágado, que tinha ficado debaixo da terra!” — Respondeu Sofia, que tudo sabia. E era!

— ”Mas não é verdade que no outro lado da Terra as pessoas andam de cabeça para baixo!” — Disse Sofia — ”Pensas que não sei!”

# Gigi, o Gato que Ri



*O Gato de Alice no País das Maravilhas*

— ”Por onde entraste, que não te vi?” —  
Perguntou Sofia.

— ”Pela porta e pela janela, como de  
costume!” — Respondeu Alice.

Alice estava à espera da irmã Beatriz num banco do jardim. Estava um lindo dia de primavera. À sua volta havia muitas flores que enchiam o ar de um doce perfume. Começou a ler um livro que trazia na mão, quando o suave cantar de um melro a distraiu. Parou de ler e deixou-se mergulhar numa agradável meditação. . .

Sem saber como, nem quando, viu-se num mundo maravilhoso, onde havia um grande

palácio com janelas douradas. Empoleirou-se para espreitar por uma das janelas e viu a prima Sofia a olhar para o retrato de uma bela princesa. Foi nessa altura que Sofia lhe perguntou por onde tinha entrado.

Alice estava encantada. Estava nesse misterioso palácio, com a prima Sofia, num jardim cheio de plantas, e muitos animais. Nunca tinha visto nada tão belo. Dentro do palácio, havia uma luz muito suave. A um canto estava um gato com ar de malandro. Parecia que estava a rir e a olhar para dois buracos na parede. De repente. . .

— ”Viste aquele rato que veio tão depressa,

tão depressa, que nem vi bem por qual dos buracos entrou?” — Perguntou a Sofia.

— ”Eu vi-o entrar pelo buraco deste lado. Ia todo direitinho em direcção à outra sala.”

— Acrescentou Alice.

— ”O gato, até mudou de cor. E ora está, ora não está. Repara bem, prima Alice!” — Disse a Sofia, muito admirada.

— ”Agora está mesmo a desaparecer, a começar pelo rabo. . . E tem um sorriso de orelha a orelha. Mas está a desaparecer e só fica o sorriso! . . . Já vi gatos sem sorriso, mas nunca vi sorriso de gato, sem gato!”

— ”Está a rir-se, porque pensa que vai

apanhar o rato que passou mesmo debaixo das barbas dele! ... É o gato da princesa. Chama-se Gigi, o gato que ri.”

Sofia achava o gato muito estranho. Além de se rir, o que nunca tinha visto num gato, aparecia e desaparecia, como que por magia. Quando o gato se voltou e viu a Sofia, então ela reparou que o gato tinha um rabo muito comprido. Mas, mesmo muito comprido. Tão comprido que ia até à porta da sala e continuava pelo jardim. Então Sofia, sem pensar que os gatos podiam falar, perguntou-lhe:

— ”Gato, porque tens o rabo tão

comprido?” — E o gato respondeu: — ”eu fazia de telefone. Quando me apertavam o rabo numa sala, eu miava na outra sala, e assim a princesa chamava a criada para lhe trazer o chá, ou outra coisa qualquer. Agora já têm telemóveis, sem fios, e não precisam de mim. Por isso estou desempregado. Mas não me importo. Arranjei um novo emprego: assustar os ratos para eles irem lá para fora, e deixarem a princesa em paz.”

Sofia deu-se então conta de que o gato também falava. Já não se admirou, pois no sítio onde estava, tudo era diferente daquilo a que estava habituada. Apesar do gato não

parecer muito simpático, pois tinha um sorriso de malandro, ou mesmo de doido, Sofia quis continuar a conversa, pois a prima Alice tinha ido para o jardim. Então perguntou ao gato:

— ”Quem vive aqui neste palácio?”

—”Gente doida!” — Disse o gato. — ”Aqui estão todos doidos. Não vê? Eu também sou doido! A viver com esta gente, também não admira. Fiquei mesmo maluco de todo.”

Sofia não queria conversa com gente doida. Por isso não respondeu ao gato e foi ter com a prima Alice. Quando ia a sair, viu várias coisas a andar aos saltinhos—ora se viam,

ora não se viam. No ar passavam umas bolas, como bolas de sabão, que iam muito depressa. Eram de várias cores e muito brilhantes. Quando batiam noutras davam outras bolas de outras cores, e às vezes faziam barulho. Alice depois disse-lhe que essas bolas, que andavam tão depressa, eram bocados de luz.

Quando Alice e a prima Sofia chegaram ao jardim encontraram uma grande festa de anos. Não sabiam quem fazia anos, mas entretanto apareceu o gato e a Sofia, que já o conhecia, perguntou:

— ”Gato Gigi, quem é que faz anos aqui?”

— ”É a princesa Aurora. Faz dezasseis anos!” — Respondeu o gato. — ”E as malucas, que estão com ela, são as fadas madrinhas, a Flora, a Fauna e a Primavera.”

Havia muitos convidados. Mas mais meninas e meninos do que adultos. Todos estavam vestidos com lindos fatos e as meninas com vestidos de seda de lindas cores. Havia também alguns animais. Estava lá um coelho com um laço azul ao pescoço, um burro com umas orelhas muito grandes, e claro, ... também o gato Gigi. Alice e a prima Sofia, que não tinham sido convidadas para a festa, passearam por entre os outros

convidados mas parece que ninguém reparou. Talvez, fosse porque eram pessoas muito educadas e não quiseram dizer nada.

Alice reparou que a um canto do jardim, por detrás de uma árvore, estava alguém com um chapéu preto e uma grande vassoura. Pensou logo que era a bruxa Maléfica. Para não assustar a prima Sofia, não lhe disse nada, mas chamou um guarda e falou-lhe ao ouvido. O guarda foi a correr atrás da bruxa, para a pôr na rua, mas ninguém viu. Só Alice é que soube, mas também não disse a mais ninguém. Ela sabia que a bruxa Maléfica queria enfeitiçar a princesa. Assim,

a bruxa má foi expulsa da festa e não aconteceu desgraça nenhuma à princesa Aurora, que fazia dezasseis anos nesse dia.

A festa estava muito animada. As prendas estavam penduradas numa árvore com muitas luzinhas de cores, como se fosse no Natal. Quando Sofia viu as prendas penduradas na árvore ficou curiosa e foi à procura do gato Gigi para lhe perguntar.

— ”Gigi, gato malandro, diz-me lá, porque é que as prendas estão numa árvore de Natal? Ainda não é Natal!”

Ao que Gigi respondeu, com o seu sorriso travesso: — ”Eu não disse que esta gente

era maluca?! Eles confundem o Natal com as festas de anos. Para eles são tudo festas!”

—”Mas têm um bolo de anos com velas!” —

Disse Sofia. E começou a contá-las. Só contou quinze! Como o gato lhe tinha dito que a princesa Aurora fazia dezasseis anos, voltou a contar para ter a certeza de que não se tinha enganado. Mas não, não se tinha enganado! Talvez foram os pais da princesa que se enganaram. Achou estranho que todos se tivessem enganado. Voltou a contar as velas. Não havia dúvida. Eram quinze. Faltava uma! Talvez fosse por serem doidos ou não sabiam contar. Resolveu

perguntar ao gato. O gato disse-lhe então: —” Chiu!. . . É segredo! Por causa da bruxa Maléfica! O feitiço que a bruxa pôs à princesa só acontece quando ela fizer dezasseis anos. E assim a bruxa foi enganada! Só põem a outra vela no bolo quando for o momento de cantar os parabéns.”

Alice e a prima Sofia não se foram embora enquanto não cantaram os parabéns. Quando chegou o momento houve um grande alarido e foi uma festa! Todos cantaram. Alice e a prima Sofia também:

Parabéns a você,  
Nesta data querida  
Muitas felicidades  
Muitos anos de vida

Hoje é dia de festa  
Cantam as nossas almas  
Para a Princesa Aurora  
Uma salva de palmas!

Tenha tudo de bom  
Do que a vida contém  
Tenha muita saúde  
E amigos também.

Tudo parecia verdadeiro, embora acontecessem coisas muito estranhas e misteriosas.

A maior admiração e deslumbramento tiveram quando chegaram à sala dos espelhos. Havia muitos espelhos, a par uns dos outros. E assim apareciam as suas imagens muitas vezes repetidas até ao infinito.

As imagens em cada espelho não eram exactamente iguais umas às outras. Tinham pequenas diferenças. Numa, os sapatos de Sofia eram encarnados, noutra, pretos. Noutra ainda, azuis. Havia também

diferenças no vestido, e nas caras de Sofia e de Alice, bem como em pormenores das salas do palácio.

— ”Prima Alice, quem é aquele senhor de óculos?” — Perguntou Sofia, parando em frente de um retrato.

— ”Foi um cientista que descobriu que havia muitos mundos, ou universos, ao mesmo tempo.” — Disse Alice

— ”Aquelas pessoas e coisas que vemos ali, como se estivessem atrás de um espelho, são outros mundos que ali estão. Neste mundo em que agora estamos, os teus sapatos são encarnados, mas ali ao lado está outro

mundo em que os teus sapatos são azuis.”

— ”Que giro.”— Disse a Sofia. — ”E naquele, tenho os sapatos amarelos e tu tens calças azuis e o nariz mais comprido. Podemos ir àquele mundo para ver mais ao pé?”

— ”Sim. Mas tens de ir com muito cuidado. Nunca se sabe o que pode acontecer!”—  
Respondeu Alice.

Pé ante pé, muito de vagarinho, Sofia aproximou-se de uma espécie de porta que lhe pareceu estar aberta, embora estivesse muito escuro nesse sítio. De repente . . . Alice viu Sofia desaparecer. Nem teve tempo de a

chamar para não entrar, assim, sem mais nem menos, nesse espaço desconhecido e talvez perigoso. Correu atrás dela e . . .

— ”Ai! Que sensação tão esquisita! Sofia? Sofia!? Onde estás?” — Gritou Alice.

— ”Estou aqui! Tive de fugir para não ser chupada por aquele buraco! Apanhei um susto! Mas agora até acho isto divertido!”

— ”Devem ser *buracos negros* que ligam os universos, uns aos outros.”— Explicou Alice, que tinha estudado coisas dessas na sua escola.

Ao fundo dos jardins do palácio, Alice e a prima Sofia encontraram um *robot* que as

levou à estação. Era a estação de todos os transportes. Havia comboios, bicicletas, barcos e triciclos, e até um elevador para ir até à Lua. Havia ainda o novo teleporte que era uma espécie de telefone para levar pessoas de um lado para outro como se fosse a voz. Havia comboios de todas as cores e feitios, para todos: pessoas, animais, caracóis, e até formigas, e elefantes e mastodontes. E muito animais que nunca tinha visto nem imaginado. O *robot* ajudou Alice e a prima Sofia a comprar os bilhetes e apanhar o teleporte. Era um teleporte de três lugares. O outro passageiro era um

senhor de barbas, muito senhor de si. Num abrir e fechar de olhos, foram levadas ao destino. No sítio onde chegaram havia um jardim com um lago e uma ilha. As cerejeiras estavam em flor e tinham lanternas que, nesse fim da tarde, distribuían uma luz suave pelo jardim. Alice tinha escolhido ir para aquele sítio no Japão, porque sabia que lá havia jardins muito bonitos.

O lago tinha peixes luminosos de várias cores que vinham comer migalhas de pão que as pessoas lhes atiravam. Perto da ilha que estava no meio do lago havia duas grandes pedras. Uma muito grande e outra

mais pequena, como se fosse a filha da outra. De cima da maior, caía água luminosa de uma cascata.

Por cima do lago, perto da ponte de madeira vermelha, debruçavam-se, em prolongadas vénias, ramos de bambus, encantados pelas suas imagens reflectidas na água. O senhor de barbas, que até então apenas murmurara umas palavras de saudação, por entre um sorriso amável, mas um quanto enigmático, disse para Alice:

— ”Fica sabendo que com esse dom mágico, nunca te sentirás infeliz.”— E despediu-se com um gesto largo, que rasgou no ambiente

uma onda de luz.

Alice ficou a pensar nas misteriosas palavras do senhor das barbas brancas quando, de repente, ouviu um murmúrio de muitas pessoas a falar e sentiu que alguém lhe tocava no cotovelo. Na sua frente estava a irmã Beatriz que lhe perguntou:

— ”Estavas a dormir, Alice?!”

— ”Oh! Se não me disseses nada, continuava bem acordada noutro lugar.